

Este conto pertence ao livro  
*Ô Fumo! Outras Histórias do João do Açúcar*

## A BOMBA

Ao Vasek e à Radana Churavá

Eram dois os viajantes: João do Açúcar e Ovídio. Dirigiram-se a uma das estações de Praga, onde tomariam o Expresso do Oriente que vinha da Turquia para deixá-los em Berlim. Entraram numa sala de espera onde apenas havia uma mocinha recostada num dos bancos. Não demorou muito e o Ovídio começou a conversar com a moça. Era romena, professora de inglês, e aguardava o mesmo trem em sentido contrário. Contou coisas, mudanças, grandes transformações que estavam ocorrendo na sua terra após a queda do Muro. Sua própria viagem já era uma das grandes modificações: tinha ido a Londres fazer um curso de aperfeiçoamento e, agora, estava voltando para casa sem problemas. Antigamente ela nem poderia pensar numa viagem igual.

Repentinamente, a sala de espera foi invadida por umas dezoito pessoas entre homens e mulheres, sem contar as crianças, algumas grandinhas e outras tantas de colo. De colo é modo de dizer, pois, na verdade, eram uma espécie de casulo, ou pequenas múmias enroladas, durinhas, que foram colocadas nos bagageiros existentes à meia altura das paredes como se fossem malas. A falação era enorme, quase todos falavam ao mesmo tempo e de modo exaltado, parecia que estavam brigando, comentando ou planejando uma briga. A professora de inglês disse que eram ciganos que estavam vindo da Romênia; entendia o que eles falavam, mas não era romeno. Havia um chefe, pela quantidade de ordens

que dava. Saía, voltava, continuava a falar e a mandar. Deu dinheiro a um dos meninos maiores e algumas explicações. João do Açúcar imaginou que ele tinha mandado buscar algum alimento, e acertou, porque minutos depois o ciganhinho voltou com um pacote cheio de pão com um recheio desconhecido. Todos comeram rápida e vorazmente. As mulheres ocuparam os bancos sem muita cerimônia, foram estendendo cobertores e deitaram-se como se estivessem em suas próprias casas (ou barracas). João do Açúcar achegou-se a sua bagagem com medo de que ela sumisse na confusão dos invasores. Sabia, através das histórias de sua avó que a fama dos ciganos nunca foi boa. Ela dizia que eles usavam a venda de tachos como pretexto para roubar criancinhas. João do Açúcar riu de suas lembranças, pois se naquela pequena tribo havia tantas, por que os ciganos ainda iriam querer mais criancinhas? A professora de inglês disse que estava cansada e dormiu tranquilamente recostada na mochila. Passados alguns minutos, um funcionário da estação avisou em tcheco e num inglês bastante bom que o trem ia chegar. João do Açúcar e Ovídio foram esperá-lo na plataforma.

O trem não era como os franceses nem mesmo como os italianos, era pior. As poltronas estavam surradas, menos cuidadas, mas enfim, para passar uma noite, não seria tanto sacrifício. Os carros seguiam o modelo europeu: cabines para seis pessoas com três poltronas de um lado e três do outro. João do Açúcar e Ovídio ocuparam uma cabine vazia, mas pouco antes de o trem partir apareceu um homem moreno do cabelo liso, sorridente e com dentes de ouro, dentes da frente. Colocou uma valise no bagageiro e saiu. O trem começou a andar e após uns quarenta minutos da partida o homem apareceu, olhou para valise e foi embora. Depois de duas horas de viagem a ausência do dono da mala começou a incomodar. O que será que existe na valise, por que será que o homem não vem para a cabine? João do

Açúcar apalpou a bagagem e ela pareceu vazia, quase vazia, mas sentiu que havia dentro, pelo menos, um objeto duro. Veio o chefe do trem verificar os bilhetes e João do Açúcar informou-o de que o dono da mala não tinha voltado. O chefe não deu importância ao fato. Aos poucos chegou a paranóia:

— Será uma bomba? — Perguntou João do Açúcar. Você viu aqueles cartazes nos ônibus de Londres?

— Estava pensando nisso; aqui não existe o IRA, mas há outros. — Respondeu Ovídio.

Na fronteira da Tchecoslováquia com a Alemanha, compareceram os guardas policiais e alfandegários. Perguntaram pelo dono da valise e o Ovídio explicou a história da mala. Carimbados os passaportes, foram embora.

João do Açúcar e Ovídio estavam com sono e organizaram uma escala de vigilância, um deveria permanecer acordado para vigiar a bagagem. O homem misterioso poderia aparecer e trocar uma valise, deixaria a sua que aparentemente não tinha nada e levaria outra. João do Açúcar foi a primeira sentinela, Ovídio dormiu profundamente.

Acordado, mas com sono, João do Açúcar procurou fazer alguma coisa que o mantivesse vigilante. Acendeu um cigarro, examinou os mapas da ferrovia, fez contas para prever a hora de chegada — faltava muito. Quando pôs o cigarro no cinzeiro, sempre de olho na valise, o sono chegou forte. João do Açúcar se levantou, abriu a porta da cabine e caminhou pelo corredor, tudo era silêncio e deserto, apenas o barulho do trem. Estava pensando em trocar de lugar e deixar a valise para lá, assim, poderia dormir em paz, todavia as outras cabines estavam tomadas. Foi ao toalete, verteu água e voltou. Quando sentou, o trem começou a diminuir a velocidade, parecia que ia parar e parou. Ovídio acordou sobressaltado, olhou pelo vidro da janela, era uma estação

pequena de uma cidadezinha. Houve solavancos na composição, parecia que estavam engatando ou desengatando vagões. Entre as manobras havia muito silêncio e foi quando se percebeu um tique-taque de despertador proveniente da valise.

— Deve ser bomba relógio, disse Ovídio.

Naquele exato momento, o dono da valise passou no corredor, parou na frente da cabine, olhou para sua bagagem, consultou o seu relógio de pulso e desapareceu rapidamente. João do Açúcar correu para ver aonde ia, mas o homem já tinha sumido. A impressão dada era a de que estava em outro vagão. A viagem continuou e, agora, os dois estavam acordados. Momentaneamente João do Açúcar perdera o so-no, mas em compensação podia conversar com o companheiro.

— Mas hem, Ovídio, Praga é uma cidade agradável, você não achou?

— Eu gostei muito. Da cidade e do povo. O Vasek e a Radka foram formidáveis, afinal eles não precisavam fazer tudo aquilo que fizeram por nós.

— É verdade, são coisas que eu não consegui entender. Se a situação fosse inversa, se eles fossem ao Brasil e ficassem lá em casa, será que eu faria tudo aquilo?

— Você viu os franceses recrutando modelos naquele restaurante?

— Vi sim, estava prestando atenção. É uma terra de mulheres bonitas.

— Na primeira oportunidade voltarei. Vale a pena passar umas duas ou três semanas num lugar assim.

— E os concertos, puxa vida, lá no *Muzeum* eu fiquei arrepiado com aquele coral. Pra te dizer a verdade eu fiquei arrepiado durante todos os espetáculos.

— Interessante foi naquela estação do metrô, tá lembrado de qual?

— Não.

— Aquela, quando fomos ao Observatório Astronômico.

— Tô lembrado, você viu, o pessoal tira os sapatos e fica refrescando os pés dentro da água, na maior tranquilidade. Eu não tive conversa, tirei as botas e meti o pé dentro do laguinho.

— E o Dr. Nomura? Fez pouco caso do dinheiro tcheco, você viu?

— Os japoneses estão muito metidos, pensam que são os donos do mundo. Ele me deu uma calculadora, tão fina como folha de papel, olhe aqui — tirando o objeto de dentro da carteira.

— Boa para fazer conta de câmbio. Você vai se encontrar com o Mujundar em Chigago?

— Vou. Lá ele não deixará de estar presente, também é muito perto da universidade dele. Seu trabalho já está pronto para o congresso?

— Quase.

— Vamos mandá-lo para o Hall, assim ele faz uma revisão.

— O Hall, agora, está fazendo o quê?

— Agora, ele só mexe com edição. Largou a direção da faculdade.

Os dois foram conversando, lembrando-se de coisas simples que aconteceram no dia-a-dia da estada em Praga. A bomba fora esquecida por alguns momentos.

— Hoje haverá grandes manifestações do processo de unificação da Alemanha. Chegaremos a Berlim com

festas, mas o jornal disse também que haveria arruaças — comentou Ovídio.

Faltavam mais ou menos duas horas para a chegada e o dono da valise não permaneceu na cabine um minuto sequer. Coisa muito estranha. No embalo do trem e da conversa, os dois passaram por uma madorna, até que João do Açúcar acordou assustado.

— Não gostei daquele barulho de despertador. Acho melhor a gente sair daqui. E se esta coisa explodir? Você viu o homem conferindo o relógio. Vai ver que ele arrumou o negócio para explodir na hora da chegada. Ele tem cara de terrorista — ponderou João do Açúcar.

— É mesmo — concordou Ovídio — vamos sair daqui.

Estavam ajuntando as malas quando o dia começou a clarear apesar de o céu estar muito nublado. Garoava. O trem diminuiu a velocidade, sensivelmente, começaram a aparecer casas, muitas casas e prédios velhos, semidestruídos, do tempo da guerra. A velocidade era pequena, parecia que o trem ia parar de novo e acabou parando. O homem misterioso apareceu, pegou sua valise e falou, sorridente, numa língua muito estranha aos ouvidos dos dois. Falou como se estivesse agradecendo a vigilância de sua bagagem, pois fez gestos indicativos e reverências. Foi visto sair na plataforma, acompanhado de uma mulher e de duas crianças. Uma delas carregava a valise. O trem recomeçou a viagem, mas parecia um metrô, andava e parava em pequenas estações. Finalmente chegou, João do Açúcar estava tonto de sono e a bomba... não explodiu.